

O LUGAR DA ÉTICA NA SOCIEDADE ATUAL*

Inácio Strieder**

A ética não ocupa propriamente um lugar na sociedade, mas é o cimento da coesão social. A verdadeira ética é opção consciente num processo civilizatório e se consolida na medida em que uma sociedade opta por projetos e fins a perseguir, e articula meios para alcançar os seus objetivos. Para que se possa falar numa ética de fato existem requisitos pré-éticos a serem cumpridos. Quando na vida de uma pessoa, ou de um grupo, não existem as condições mínimas para uma vida humana digna, também não poderá existir ética. O Brasil, desde as suas origens, nunca optou por uma sociedade verdadeiramente ética. Para que isto pudesse acontecer seria necessário efetivar um debate filosófico muito mais profundo, pois só assim chegaríamos ao conhecimento de nossas potencialidades ontológicas e dos condicionamentos sistêmicos de nossa história. Este conhecimento é fundamental para criar uma consciência ética, onde a ética se situasse como núcleo da coesão social em nosso país.

1. Status quaestionis Quando comecei a reunir as idéias desta palestra perguntei a um colega o que ele diria do "lugar da ética na sociedade atual". Simplesmente me respondeu: nada. Segundo ele a ética não tem lugar na sociedade atual. Uma tal posição, naturalmente, reflete uma visão pessimista, em que a sociedade atual aparece como corrupta, imoral, perversa, sem perspectivas de reversão. Tal visão também

* Conferência pronunciada em 07.10.1991, durante a XII Semana de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco.

** Inácio Strieder é professor do Mestrado de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco

implica numa avaliação negativa do homem. Pois, se o comportamento do homem de hoje fosse totalmente imoral, perverso e negativo, por que o homem estaria mantendo um tal estado de coisas, que finalmente resulta na construção de seu próprio inferno? E isto significaria que o homem de hoje é sádico e masoquista, criando uma situação infernal, sem ética, para si e seus companheiros. Se fosse assim até poderíamos entender que não há lugar para a ética na sociedade atual.

Julgo que uma posição destas é um equívoco antropológico. Por isto, para progredirmos em nossas reflexões, são necessárias algumas considerações preliminares.

2. Conceitos

2.1 - De que sociedade se trata? O título de minha palestra fala em "sociedade atual".

É notório que o conceito "sociedade" apresenta facetas múltiplas. Perguntei a uma pessoa, fora do mundo acadêmico, o que achava da sociedade atual. Explicou-me que a "sociedade atual" continua muito conservadora, esnobe, fechada em si, cheia de intrigas casamenteiras, fofocas e total insensibilidade social. Como se vê, esta pessoa entende por "sociedade atual" a dita "high society", que aqui no Recife seria a "sociedade" dos cronistas sociais ou dos opulentos, para os quais o resto que se dane; ainda se poderiam incluir neste conceito de sociedade os "marajás", os parentes das "damas" da política, ou os amigos dos parentes de políticos detentores do poder na "sociedade brasileira"; a "sociedade", assim como a entendia a minha interlocutora, seria também a "sociedade" das novelas da televisão: cheias de mesquinhas e imoralidades.

Em outros sentidos poderia-se entender por "sociedade atual" a organização social européia, americana, brasileira,

nordestina ou recifense em geral.

Não pretendo preocupar-me muito com os problemas éticos da sociedade européia, americana, ou da sociedade num sentido genérico. Procurarei deter-me na problemática ética de nosso contexto humano. E isto significa perguntar por "nossa sociedade", por nossos símbolos, valores, normas, convicções, princípios, objetivos e sentidos. Tudo isto mexe diretamente com nossa realidade existencial.

2.2 - E aqui se coloca uma segunda questão: Será que nós realmente nos sentimos membros de uma "sociedade"?

O conceito "sociedade" vem de "socius", do latim, que significa companheiro, sócio, cúmplice. Portanto, sociedade somente existe onde os indivíduos possuem companheiros, sócios, cúmplices com símbolos, valores, normas e objetivos em comum, os quais buscam compartilhar. A partir deste conceito de sociedade pode-se ainda aprofundar a questão, perguntando quando a sociedade é uma "sociedade ética".

E aqui está o "X" da questão: a sociedade brasileira não me parece suficientemente agregada para que possa ser considerada uma sociedade de fato. Ainda mais, o divórcio cultural, econômico e político entre os vários segmentos da população brasileira é tamanho que, em vez de uma agregação social, verificamos uma terrível desagregação. Num sentido histórico, o Brasil nunca optou por uma sociedade verdadeira, e muito menos por uma sociedade ética. E se a partir de agora se conseguisse iniciar um processo civilizatório, cujo objetivo fosse formar uma verdadeira sociedade brasileira, deveríamos saber que a aceitação dos pré-requisitos da construção de tal sociedade não seria imediata. Isto implicaria na mudança de mentalidade. E mudar uma mentalidade de quatro séculos não é fácil.

Diante disto entendo que antes de falar sobre o lugar da

ética na sociedade atual é preciso perguntar se os requisitos pré-éticos já estão postos em nossa sociedade. Não podemos buscar ética num grupo humano em que os requisitos pré-éticos não foram cumpridos.

2.3 - A sociedade da qual devo falar está adjetivada com o termo "atual". Não se deve entender que a "sociedade atual" existe por si. Que ela de repente se constituiu assim como a identificamos. A "sociedade atual" tem raízes históricas e ideológicas, ela não existe por acaso. Por isto, mais adiante, veremos algumas prováveis raízes de nossa situação ética atual.

2.4 - Quanto ao lugar que queremos encontrar para a ética na sociedade atual, não se deve entender este "lugar" como algo espacial. De fato a ética não ocupa lugar na sociedade. A presença da ética se manifesta e estabelece na medida em que a sociedade fundamenta suas bases na racionalidade. O ethos é o conjunto de princípios e valores que dinamizam e norteiam a conduta de um povo. E uma determinada moral, vista do ângulo social, nada mais é do que a formulação teórica dos objetivos, intenções e meios, que as instituições se propõem a empregar na defesa e promoção do direito das pessoas e das comunidades na realização plena de suas potencialidades. A ética é como que a síntese codificada da experiência e sabedoria de um povo. Por isto, antes de ser doutrina é projeto¹. A ética, assim, não ocupa um lugar determinado na sociedade, mas permeia todo o organismo social.

3. A ética como "cimento" da coesão social

Recorro aqui a uma analogia com a indústria da cons-

¹ Cf. J. Marcos BACH. *Uma nova moral*. Petrópolis, Vozes, 1982, p. 11.17.

trução. A função da ética na sociedade é semelhante a do cimento na construção de um prédio. A ética adquire importância na medida em que se agregam racionalmente os vários elementos que sustentam uma sociedade. A presença da ética pressupõe, necessariamente, que os elementos fundamentais da sociedade já existam e que possuam suficiente consistência. Somente assim o "cimento" da coesão social, a ética, produzirá o efeito certo e encontrará a forma adequada aos componentes sociais. Na construção de um prédio, o melhor cimento nada garantirá se ele não estiver bem dosado, se os tijolos não forem bons, inteiros, do mesmo tamanho; se o ferro e a brita não forem adequados para as colunas. Assim também a melhor das éticas nada conseguirá se não existirem as condições mínimas para uma vida social humana. Por isto, para avaliar eticamente qualquer situação, ou a sociedade como um todo, é preciso deter-se primeiramente nas condições pré-éticas desta situação, ou desta sociedade. Na analogia que fiz, para conhecermos a qualidade do prédio seria necessário conhecer a qualidade dos tijolos, o tipo de ferro usado, e só neste contexto entra o cimento; assim, se queremos examinar eticamente a sociedade é preciso primeiramente examinar a situação do homem nesta sociedade: sua situação histórica, social, cultural, econômica, psicológica. Quer dizer, é necessário primeiramente examinar se as condições pré-éticas do homem estão de alguma forma satisfeitas. A ética propriamente só entra na questão quando se sabe que esta sociedade já ultrapassou o limiar das condições pré-éticas.

O ponto de partida é o próprio conceito de sociedade. E este conceito nos ensina que sociedade somente existe onde indivíduos assumiram compromissos mútuos, com a esperança de benefícios coletivos. Toda a verdadeira sociedade possui objetivos e projetos que visam facilitar a realização das aspirações dos sócios. No sentido ideal, os homens se congregam em sociedade para melhor buscar seu

aperfeiçoamento total. Para isto possuem símbolos, valores, normas, projetos, ideais, esperanças e objetivos que os norteiam. Como se vê, existe uma série de exigências preliminares para que os homens se possam considerar companheiros e procurem contribuir para o bem comum.

4. Exigências preliminares da ética

Em primeiro lugar, cada membro da sociedade deverá alimentar um conceito positivo de seu companheiro. Considerá-lo um ser humano. Não fazer acepção de pessoas. Sem uma certa igualdade não existe ética. Para que isto aconteça é necessário que nos conheçamos a nós mesmos e procuremos conhecer aos outros. A análise da condição ética de uma sociedade pressupõe, por isto, uma antropologia filosófica, uma antropovisão, que nos revele elementos essenciais da natureza humana. O "pai da ética ocidental", Sócrates, justamente exigia que cada um se conhecesse a si mesmo, como condição para uma vida verdadeiramente humana. Afinal de contas, qualquer manifestação humana no mundo fenomênico tem as suas raízes nas possibilidades ontológicas do ser humano. Por isto, para saber de alguma forma como o homem age e porque age desta ou daquela forma é preciso deter-se sobre as manifestações do homem no mundo fenomênico. Ali se revelam as suas potencialidades essenciais. Isto significa que uma avaliação ética adequada da atuação do homem na sociedade atual pressupõe o conhecimento da situação histórica, cultural, social, econômica, psicológica deste homem. Da qual, por sua vez, nascem símbolos, valores, normas, ideais, projetos e esperanças. Esta mesma situação reflete também as perversões e todo tipo de mal que o homem é capaz de originar.

A situação ética da sociedade atual não é algo surpreendente, ou totalmente novo. Em primeiro lugar ela somente é possível porque a própria natureza humana possui em si

potencialidades para que o homem assim se comporte. Ao mesmo tempo a diversidade de situações históricas e culturais nos mostra que o próprio homem tem a capacidade de assumir as suas potencialidades ontológicas e orientá-las livre e racionalmente para determinados objetivos, institucionalizando sistemas de comportamento.

Por isto, no meu entender, a questão ética tem dois níveis de enfoque antropológicos: o nível ontológico e o nível sistêmico.

5. O nível ontológico do ser humano

Um dos princípios da antropologia filosófica ensina que o homem manifesta elementos de sua essência por sua ação (agere sequitur esse). Em outras palavras, a nossa praxis está ancorada na natureza essencial do homem. Ou revertendo esta constatação para uma linguagem existencialista, no agir o homem constrói a sua essência. Assim o homem explicita quem ele é através de seu procedimento, em seu comportamento. E uma parcela deste comportamento se articula no âmbito da moral, constituindo-se em objeto de análise ética. Isto faz com que, de alguma forma, cheguemos ao conhecimento do homem através da análise de seu comportamento moral, i.é, por sua atitude em relação aos conteúdos do bem e do mal.

Tomando como base esta constatação antropológica, teólogos e filósofos, desde a Antiguidade, tentaram explicar quem é o homem, ou desvendar em parte suas estruturas essenciais. Neste sentido encontramos na história do pensamento ocidental uma série de enunciados antropológicos interessantes. Vejamos alguns destes enunciados, dos quais fluem conclusões éticas importantes.

5.1 - Em textos da sabedoria bíblica se ensina que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus; que Deus criou

o homem apenas um pouco inferior aos anjos; o homem foi coroado de glória e poder na terra; é quase "deus" na terra. Mas em outras passagens dos mesmos textos bíblicos mostra-se também que habita no homem uma incoerência radical: é desleal, fratricida, homicida, traidor, idólatra, cruel e mentiroso. E para não se deixar levar pelo mal necessita de um "salvador" e de guias que lhe apontem constantemente o caminho adequado para a sua realização. Destes ensinamentos bíblicos o cristianismo concluiu para a doutrina do "pecado original", onde se ensina que o homem, em sua estrutura essencial, possui uma ambiguidade, que o puxa para o mal. Desta forma a humanidade em geral, e o homem como indivíduo, tem a possibilidade de encaminhar-se em sua história por dois caminhos: o caminho dos bons e o caminho dos maus. Na bíblia estes dois caminhos não estão radicalmente separados entre si, como no maniqueísmo, mas se entrecruzam constantemente na história. É o trigo e o joio que crescem juntos em todos os tempos da história humana.

Nos ensinamentos bíblicos fundamentalmente se reconhece no homem uma tendência natural para o bem, contudo também se acentua que o caminho do mal é mais largo, mais fácil e sedutor do que o caminho do bem, estreito e difícil. Destes ensinamentos bíblicos decorre a idéia de que a humanidade necessita constantemente de profetas, de homens exemplares, que indiquem à humanidade as vantagens do caminho do bem, o único que poderá levar o homem à sua realização. Mas, mesmo que o homem escolha o caminho do bem, muitas vezes se surpreenderá praticando o mal que não quer, e deixando de praticar o bem que quer.

Estes ensinamentos bíblicos, que não possuem apenas valor religioso, mas revelam uma sabedoria antropológica profunda, caracterizam o homem como um ser que possui

uma imperfeição essencial. O homem é um ser nem bom nem mau em sua essência. Por natureza possui carência de perfeição. Em sua vida tenta suprir esta carência. E aí se abrem os dois caminhos. Ele poderá suprir esta carência essencial de forma adequada, ou de forma inadequada. O mal não se encontra, portanto, primordialmente no homem, mas na forma e nos meios que usa para preencher o vazio de sua carência existencial.

- 5.2 - Na filosofia as exigências e os compromissos éticos nos diversos sistemas dependem, evidentemente, da idéia de homem que estes sistemas defendem. As propostas éticas dependem, portanto, de uma antropovisão, de uma antropologia filosófica. Semelhantemente à sabedoria bíblica, os filósofos em todos os tempos enunciam o que pensam do homem. E de suas conclusões sobre o homem derivam as consequências éticas em seus sistemas. Vejamos algumas destas afirmações sobre o homem, que julgo significativas para a ética.²

SÓFOCLES, na Antiguidade, constata que no universo há muitas coisas terríveis, mas nada é mais terrível do que o homem. ARISTÓTELES caracteriza o homem como um "animal racional e um animal político"; Santo AGOSTINHO fala do "coração humano irrequieto, enquanto não repousar no Absoluto (Deus)"; HOBBS diz que o "homem é o lobo do próprio homem", constantemente buscando destruir o seu semelhante; para GIORDANO BRUNO o homem é "cidadão de dois mundos"; para PASCAL o homem, por um lado, é fraco como um "caniço agitado pelos ventos", mas por outro, pelo pensamento, é mais digno do que todo o universo físico; pelo pensamento "o homem transcende infinitamente o homem"; ROUSSEAU é exageradamente otimista

² Cf. Edvino Rabuske. *Antropologia Filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 8-13.

em relação ao homem, e considera o homem "bom por natureza", a culpada pelas perversões é a sociedade. Em KANT o "bom selvagem" de Rousseau se transforma no "homem natural", que não é nem moral, nem imoral. O homem concreto, em KANT, sofre de um "mal radical". Por isto tudo degenera nas mãos do homem no decorrer da história. Para FICHTE o homem não se caracteriza como ser racional, mas como um ser que está buscando tornar-se racional; HAECKEL, discípulo de DARWIN, considera o homem um animal entre os animais, apenas mais evoluído; em NIETZSCHE o homem é descrito como um "animal doente"; ainda há muito de "verme" e de "macaco" em nós, continuamos a ser mais macacos do qualquer macaco... O homem é como um cabo suspenso entre o animal e o super-homem. Para SCHELER o homem é bilogicamente um erro da vida - metafisicamente é alguém capaz de dizer "não", um asceta da vida; para SARTRE o homem está "condenado a ser livre", mas, no fundo, tudo é absurdo e o homem é uma "paixão inútil" ocultando em todas as suas ações uma "má vontade radical"; HEIDEGGER caracteriza o homem como o "pastor do ser". JACQUES MONOD, prêmio Nobel de Fisiologia em 1965, considera o homem simplesmente um "desastre da natureza", um "cigano perdido no universo", fruto cego do acaso. NIETZSCHE quer uma realidade humana que esteja para além do bem e do mal; FREUD pensa ter constatado um grande malestar na civilização ocidental; VIKTOR FRANKL diz que o grande mal da sociedade atual é a falta de sentido. ERICH FROMM³, talvez aprofundando a idéia do eros e do thánatos de Freud, chega à conclusão de que duas tendências fundamentais do homem podem caracterizar a sua vida individual ou em sociedade: o amor à vida (biofilia) e o amor à morte (tanatofilia). Na predominância do amor à vida a sociedade se caracteri-

³ Cf. Inácio Strieder. *Os fundamentos do homem*. Recife, FASA/ UNICAP, 1990, p. 45-49.

zaria pelo otimismo, a esperança, o amor ao próximo e a dignificação do homem; na predominância do amor à morte a sociedade se caracterizaria pelos aspectos negativos da destruição, perversão, ódio e desumanização.

Certamente cada uma destas afirmações sobre o homem retrata dimensões da natureza essencial deste homem. E o conjunto delas é importante que seja analisado para melhor entendermos o comportamento deste homem na atualidade.

Sem dúvida as consequências éticas são bem diferentes quando se qualifica o homem como criado à imagem e semelhança de Deus, ou quando o qualificamos como um macaco, um tanto desequilibrado e neurótico.

Embora ainda se deva aceitar a opinião de ALEXIS CARREL de que o "homem continua o seu maior desconhecido", contudo há um consenso filosófico que o homem, de fato, é um ser carente de perfeição, com uma razão e liberdade que lhe imprimem uma vontade ilimitada de querer-ser e de poder-ser. Por sua razão e liberdade o homem está em tensão de chegar a ser o próprio Ser. Mas como criatura, necessariamente inclui em sua essência uma imperfeição ontológica, impedindo-o de esgotar, no nível de sua natureza, a sua vontade de ser-mais, de poder-ser-mais. O homem nunca poderá atingir a perfeição plena, igualando-se ao Ser-em-si, perfeito e absoluto. De fato, porém, tem em si a vontade de ser um "deus". A sabedoria bíblica nos diz que esta foi justamente a primeira tentação do homem: "sereis como deuses". Como deixar a soltas esta vontade ilimitada de querer e poder-ser significaria a destruição das dimensões humanas, o próprio homem, em sua sabedoria intuitiva, sabe que ele mesmo deverá fixar-se limites. Por isto não se encontra nenhuma cultura na terra que não tenha normas e costumes que facilitem a vida do grupo. Pois se o homem não se colocasse limites, buscaria ilimitadamente aperfeiçoar-se

na dimensão do Ser absoluto e buscaria as perfeições inadequadamente no mundo finito, roubando perfeições que pertencem aos seus semelhantes, ou que se encontrassem em seu mundo contextual. E aí acontecem as falhas éticas. Estas perfeições roubadas de seus semelhantes ou ao mundo finito, causarão deficiências indevidas aos roubados, e nunca satisfarão a busca da perfeição-de-ser do homem, pois o que retira do mundo finito também é finito. E dois finitos somados nunca gerarão o infinito, apenas intensificarão a sede do infinito. Por isto, quem tem poder busca poder cada vez maior; o ladrão, mesmo roubando, quererá roubar ainda mais; o beerrão fica com sede cada vez maior; o viciado em drogas precisará cada vez mais drogas; o jogador não se esgota em jogar; o homicida, o pistoleiro, o assaltante, o sequestrador acumularão crimes sobre crimes; a perversão sexual se intensifica; o corrupto mergulhará em corrupção mais profunda; os ditadores exigirão poderes cada vez mais absolutos e abusivos; também a curiosidade científica não possui limites em si mesma.

Por isto Santo AGOSTINHO dizia que o nosso coração somente descansará se repousar em Deus. Esta, de fato, é uma verdade antropológica profundíssima.

Ontologicamente o homem é um ser aberto em todas as suas dimensões, com uma vontade-de-ser insaciável. Por isto, constantemente está buscando ser mais. De fato possui o poder de ser mais. É aí que se manifesta a dimensão ética do ser humano. A sua liberdade e razão são sem limites, mas se deixar livre curso a elas humanamente entrará em caos, por isto ele mesmo terá que escolher um caminho de vida e situar a sua razão num contexto: social, cultural, histórico. E assim contextualizado conscientemente formará condições para a realização de suas potencialidades. A filosofia sempre afirmou que existe somente responsabilidade ética onde existem pessoas conscientes das circunstâncias e

das consequências de suas ações. Por isto a ética de uma sociedade não é algo que se produz em laboratório, nem um sistema que se possa impor por decreto. É muita ignorância acreditar que constituições novas, emendões, Dias "D" da Educação, ou medidas provisórias resolvam os problemas do país. O Presidente poderá emitir mil medidas provisórias, decretando, por exemplo, que a partir de amanhã ninguém cometa mais homicídio no país, que ninguém mais consuma drogas, que todos paguem seus impostos, o fim da inflação, que ninguém mais pode ser corrupto, ou "marajá" no país. De nada adiantará decretar que a partir de amanhã não haverá mais analfabetos no país, e que faremos parte do 1º Mundo.

Tais decretos, ou empenhos, até podem ser fruto de boa vontade, mas de nada adiantarão se não resultarem de um processo civilizatório consensual, ancorado numa antropologia filosófica e humanitária. E para conduzir adequadamente um tal processo é preciso se orientar pela constituição ontológica do homem, e analisar em que sistemática histórica se manifestaram os elementos constitutivos do homem. Portanto, para que possam ser propostos caminhos éticos para uma sociedade é indispensável o conhecimento de sua história, e situar o comportamento do homem concreto na continuidade dos elementos sistêmicos de sua história. Como já disse antes, a situação ética da sociedade atual não é fruto de um acontecimento instantâneo, mas fruto de um contexto sistêmico histórico.

Antes de tentarmos fazer uma análise mais crítica em relação ao "lugar" da ética na sociedade atual é tirar algumas conclusões práticas, vejamos alguns destes dados sistêmicos.

6. A constituição sistêmica do homem na sociedade brasileira

Analizamos até aqui alguns aspectos da constituição on-

tológica do homem. Bem entendida, esta constituição ontológica nos previne contra falsas esperanças de que um dia chegaremos à "terra sem males", sem imoralidade. O homem possui em sua própria natureza a raiz da imoralidade, a sua vontade de poder-ser-cada-vez-mais o torna violento. E se nos dedicamos a querer um homem mais moral é porque admitimos que ele é imoral. Esta imoralidade e violência do homem está registrada na história. Ao mesmo tempo registra-se também na história o processo civilizatório de humanização do homem. Na história de todos os povos encontramos os elementos do bem e do mal coexistindo. E no entrecruzamento do "amor à vida" e do "amor à morte" os grupos humanos, muitas vezes, devem optar novamente pelo caminho a seguir. Neste vai-e-vem das opções históricas verifica-se se uma determinada sociedade se orienta pelos caminhos da dignificação do homem, ou pelos caminhos da degradação. Neste sentido, quais foram os encaminhamentos da sociedade brasileira até agora?

Segundo alguns relatórios, já antes de os portugueses pisarem no Brasil as condições estavam postas para se implantar aqui um sistema imoral. Os relatos sobre a situação moral de Portugal no tempo das descobertas dão conta de que a passos agigantados se produzira a corrupção dos costumes. A sede de riquezas, inoculada pelos descobrimentos, desenvolvera as paixões do jogo, do luxo, da libertinagem. Mesmo nos mais inocentes jogos os viciados especulavam com enormes somas.⁴

Sobre o período de D. João III (1521-1557) Alexandre Herculano relata, em sua "História da origem e do estabe-

⁴ Cf. Coelho da Rocha. *Ensaio sobre a História do Governo e da Legislação de Portugal*, 94,95,126,129,220...; L. A. Rebello da Silva. *História de Portugal dos séculos XVII e XVIII*, Livro X, cap. 3º; p. 533.

lecimento da Inquisição em Portugal"⁵, que a imoralidade pululava por toda parte: O povo ignorava a religião. Havia escravidão em Portugal, e as cenas mais terríveis da Cabana do Pai Tomaz não assumiam cores tão carregadas como seriam as da descrição da escravidão dos mouros e negros, além dos outros trazidos de diversas regiões. Os filhos de escravos eram marcados na cara com ferro em brasa. Quase todos eles não eram cativados nas guerras ou comprados, mas homens livres arrebatados da pátria pelos navegadores.

Em relação aos mesmos tempos L.A. Rebello da Silva relata⁶ que era profunda a ignorância destes tempos; mesmo na corte poucos sabiam ler e escrever. Feitiços, benzimentos, agouros, adivinhações, conjurações diabólicas e as práticas mais supersticiosas constituíam o fundo da religião popular. Em relação aos séculos XVII e XVIII o mesmo Rebello da Silva ainda informa que o país ia-se arruinando na mesma progressão em que o luxo levantava o colo. Fazia-se tudo por dinheiro: uma cobiça insaciável devorava a todos. Por outro lado, havia muita miséria. E nunca se correria tanto atrás do dinheiro e do ouro como nestes tempos de miséria.

Segundo Oliveira Martins⁷, o geral da população que o Brasil adquiriu nos primeiros tempos foi a pior possível. Para cá vinham carregamentos de mulheres mais ou menos perdidas. O Brasil era, além disto, asilo, couto e homísio garantido a todos os criminosos que aí quisessem ir. Em pouco tempo, além da escravidão dos índios, aprisionados em guerra ou não, veio também a dos escravos africanos.

⁵ Cf. A. Herculano. *História da origem e do estabelecimento da inquisição em Portugal*, Livro VII, tomo 3^o, p. 10-47; livro II, 10.

⁶ Cf. L. A. Rebello da Silva, *op. cit.*

⁷ Cf. Oliveira Martins. *O Brasil e as colônias portuguesas*. Lisboa, 1881, p. 9.

Algumas capitâneas tornaram-se valhacouto de contrabandistas. Criminosos havia que cometiam muitos crimes, mas ficavam impunes se mudassem de uma para outra capitania..

Anchieta, em sua "Informação sobre o Brasil"⁸, escrita em 1584, se queixa de que os maiores impedimentos de que sofria a catequese dos índios provinham dos próprios portugueses, que não tinham nenhum zelo pela salvação deles. E acrescentava, os que pior vivem são os que mais tratam com os portugueses, ensinados do seu mau exemplo e muitas vezes pior doutrina.

Segundo o historiador Varnhagen⁹, nestes tempos, o "Código Filipino" castigava com degredo para o Brasil nada menos do que 256 crimes ou faltas. O resultado de tudo isto foi, embora para cá viesse também gente muito boa nas expedições, que no 1^o século de nossa história se apurasse aqui a desmoralização. O mesmo Varnhagen ainda afirma que a depravação da população se tornara tal que, às vésperas da invasão holandesa, o Brasil bradava aos céus, por causa de seus costumes pervertidos, pedindo uma invasão.

Em 1657, em um extenso relatório que Antônio Vieira enviou do Maranhão ao Rei, ele protesta que as injustiças e tiranias aos índios excediam as feitas pelos portugueses na África; que em 40 anos matara-se por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios, e mais de quinhentas povoações. E disto nunca se vira castigo e se requeria ao Rei para continuar esta matança. Em outra ocasião Vieira já havia escrito que esta terrível escravidão disfarçada dos índios era mantida pelos próprios governantes.

Em 1707, no primeiro encontro dos bispos do Brasil na

⁸ *Idem*, p. 30

⁹ Cf. Varnhagen. *Porto Seguro*, 2 ed., I, p. 146-148; 213-219; 226.

Bahia, embora não fosse condenado o sistema da escravidão, contudo os bispos exigiam tratamento humanitário para os escravos, ameaçando com excomunhão os senhores de escravos desumanos e atrozés.

No século passado, o francês DEBRET, um dos fundadores da Escola de Artes do Rio de Janeiro, a convite de D. João VI, retratou a vida real do Brasil em pranchetas, impressas posteriormente na França. O Brasil contestou, na época, as cenas de Debret, afirmando que no Brasil não havia torturas e maus tratos de escravos. Hoje os historiadores são unânimes em afirmar que Debret ainda enfeitou a realidade.

O Conde De GOBINEAU, diplomata francês do século passado no Brasil, escreve em sua obra de Filosofia da História, que a população brasileira não tem estrutura para ser diferente do que é.

Além destes relatos poderíamos mencionar a Guerra do Paraguai, em que o Brasil foi parceiro de um verdadeiro genocídio de um povo. E, certamente, os soldados brasileiros, que participaram desta guerra, não voltaram dela mais humanizados.

Com estas poucas referências históricas ao nosso passado não estou querendo dizer que devemos simplesmente aceitar o que os historiadores nos dizem. Mas, embora estes textos sejam prioritariamente negativos, deixando de lado muita coisa boa, contudo eles nos mostram que não somos um povo tão bom, compreensivo, cordial, afetivo, simpático, filantrópico, religioso como muitas vezes nos quiseram ensinar. Um estudo objetivo da história do Brasil nos mostra as terríveis injustiças, crueldades e opressões praticadas nesta terra no decorrer dos séculos. O fato de hoje existirem sequestros, estupros, assaltos, homicídios, prisões superlotadas e desumanas, corrupção, perversão, esquadrões da morte, opressão, exploração, ignorância, falta de interesse pelo bem

público, "marajás", políticos e gente da elite da pior espécie, pistoleiros, torturadores, contrabandistas, traficantes de drogas, poluidores da natureza e exterminadores de animais... não é nenhuma novidade, nem gratuito. O Brasil é isto mesmo desde as suas origens.

Tudo isto, de certa forma, era ocultado à sociedade em geral; hoje já não é possível esconder toda esta realidade. O Brasil, muitas vezes, expulsou aqueles que tentavam alertar para esta situação, ou os taxava de subversivos. Hoje estamos colhendo o fruto desta ocultação, e falta de decisão para desencadear um processo civilizatório, que poderia ter revertido estas nossas falhas sistêmicas, há muito tempo.

A situação interna do país se reflete fortemente no exterior. Muitos brasileiros, quando saem do Brasil, fazem tudo para não se identificarem como brasileiros. Em vários países há fortes preconceitos contra brasileiros. Há, por exemplo, hotéis em Orlando, nos Estados Unidos, que não aceitam grupos de turistas brasileiros, pois não querem baderna. Em alguns lugares do mundo há lojas que proíbem a entrada de brasileiros, com medo de serem roubadas.

Dentro da realidade brasileira formaram-se assim como que duas sociedades: uma parcela social é composta de pessoas simpáticas, alegres, cordiais, religiosas, pacíficas, antibaderneiras, muito sensíveis a qualquer crítica; mas, ao mesmo tempo, más, burladoras das leis, corruptas, imorais, interessadas somente no que lhes convêm e sem nenhuma noção de bem comum. Esta sociedade hoje está escandalizada com a violência, com os sequestros, com as greves, com os cheiracola, com a reforma agrária, com os posseiros, com os favelados, que consideram todos como maconheiros. Para estes o povo (eles não são povo) não presta. Consideram que a solução para esta situação é a repressão.

Do outro lado temos aquela sociedade que não tem es-

cola, que dá cachaça aos bebês para dormirem ou não sentirem dor de barriga, que cata lixo, que aluga crianças para pedir esmola, que não tem saúde, que não encontra trabalho e se sujeita a qualquer coisa para sobreviver. Isto faz com que se intensifique no Brasil uma sociedade sem lei, sem bondade, sem compreensão nem cordialidade, mas regida apenas por uma instintiva luta pela vida.

Será que em tudo isto ainda há um lugar para a ética? Penso que sim. Vejamos alguns indicativos neste sentido.

7. Bases pré-éticas para uma ética na sociedade atual

7.1 - Descrevi até agora aspectos ontológicos e aspectos sistêmicos do homem que forma a sociedade atual. Mais de perto, a sociedade brasileira. Evidentemente não podemos modificar a constituição ontológica do homem. Resta-nos, por isto, explicitar e desenvolver sistematicamente as características ontológicas, orientando-as, de acordo com as necessidades e aspirações históricas do homem da sociedade atual, no sentido da dignificação e humanização cada vez maior deste homem. E isto se poderá fazer através da implementação de um verdadeiro processo civilizatório. Neste processo não existe uma ética pronta que se possa impor como uma carapuça por cima das pessoas. Na medida em que este processo avança a ética assume forma e se solidifica. Como dizia no início da palestra, a ética é como que o cimento que une projetos, ideais, costumes, valores, símbolos de uma sociedade. E para que se possa constituir uma ética verdadeira será preciso que o homem nesta sociedade ultrapasse o limiar das condições sub-humanas. Há, portanto, exigências pré-éticas para que a ética possa ser o referencial do comportamento humano.

Quando, por exemplo, um casal não possui as condições mínimas de moradia, de alimentação, de estrutura familiar,

os filhos aparecerão nas ruas como menores abandonados, com todas as outras consequências sociais.

Se a qualidade de vida de uma população estiver abaixo do limiar da dignidade humana, os homicídios se multiplicarão. E se mata pessoas como se mata galinha, por qualquer ninharia.

A questão ética da sociedade brasileira atual é uma questão sistêmica. Mas é preciso saber que a opção por um sistema mais ético não depende simplesmente da vontade de um Presidente e sim de um processo em que se prestigie o desenvolvimento das potencialidades ontológicas humanizadoras do homem, como: a racionalidade, a sociabilidade, a liberdade, a responsabilidade, a honestidade, etc...

Embora no momento pareça que a sociedade brasileira esteja num processo de deteriorização sistêmica, sem perspectivas de saída, com uma desmoralização cada vez maior, eu estou convencido que estamos, pela primeira vez, numa encruzilhada histórica que nos permite iniciar a construção de uma sociedade ética. Se este processo vai levar 10, 20, 50 ou 100 anos não sei. Mas há indícios de uma nova fervura. Não sei também qual a pressão que a panela suportará. Mas sei que sem o aumento das pressões sociais a mentalidade dos responsáveis pelo sistema, até agora predominante, não se alterará.

7.2. - Certamente todos estarão de acordo que hoje já estamos mais conscientes do contexto em que vivemos. E o primeiro passo para que se possa iniciar uma mudança é saber de que se trata. Nisto nos ajudam os meios de comunicação. Embora grande parte dos nossos meios de comunicação estejam nas mãos de sonegadores da verdade total e manipuladores das informações, contudo a leitura crítica das informações que fornecem nos permite criar uma imagem bastante adequada sobre o que está

ocorrendo. Vejamos ainda algumas informações, para depois tirarmos as conclusões.

- 7.3 - Na política: É, por exemplo, lamentável que grande parte dos cidadãos brasileiros, que se candidatam a cargos políticos, sejam induzidos pelo próprio processo eleitoral a exercitarem a sua dimensão ontológica imoral. Pois a nossa realidade histórica mostra que quem quer conquistar uma parcela de poder pela eleição deve assumir uma atitude maniqueísta e imoral: todo o bem está de seu lado e todo o mal do lado do adversário. A maioria dos candidatos políticos em seus discursos tentam rebaixar seus adversários, pesquisando os defeitos ou supostos defeitos de seus concorrentes. Nem são poupados os defeitos dos pais, dos irmãos, das esposas, dos filhos, sobrinhos ou netos. E em todas as campanhas há aquela baixaria. E quanto mais alta a pretensão do cargo, tanto mais baixo se desce. Depois de conquistado o poder até se pode supor uma conversão, e o vencedor abraçar a quem chamou de ladrão. Mas destes encontros pode-se também desconfiar de que não sejam conversão, mas aproximação de iguais, contra as próprias leis da física onde polos iguais se repelem. O nosso sistema político desconhece as potencialidades ontológicas do homem da vontade-de-poder ilimitada, com a conseqüente violência e imoralidade.

Mas, na medida em que nos tornarmos conscientes deste sistema, podemos esperar que nas próximas eleições já surjam alternativas melhores, pois hoje mais gente conhece os acordos escusos de cavalheiros que arrumam a república; conhecemos os abusos de salários auto-outorgados; os benefícios para além da imaginação; as verbas que desapareceram; os empréstimos públicos que escorregaram por bolsos individuais; as torturas e desaparecimento de pessoas; os crimes de "gente bem", ou de seus filhos, que foram silenciados; os

funcionários fantasmas, os doentes fantasmas, os aposentados fantasmas; os remédios nocivos nas nossas farmácias; as impunidades; a justiça venal; os crimes do colarinho branco; os salários de miséria; as torturas policiais; as prisões superlotadas e os tratamentos desumanos dos presos, etc... A nossa indignação com tudo isto já é um início de reversão.

- 7.4 - Nossas elites: Grande parte das nossas elites, em todos os níveis, é herdeira do sistema histórico imoral das nossas origens. No sangue desta elite ainda corre o sangue escravagista, opressor, desumano dos donos de escravos. Insensíveis aos problemas sociais, cruéis. Nunca pensaram em indenizar aqueles que suaram o sangue para gerar as suas fortunas, nem do passado, nem do presente. E quando são os donos dos bens econômicos, pouco se lhes dá qual é a situação de saúde, habitação, comida, escolaridade de seus funcionários. O que lhes interessa é o proveito próprio. A todo momento tentam neutralizar as associações de trabalhadores, para não sofrerem pressões. São contra a reforma agrária, a participação de lucros, etc.

Também neste nível há iniciativas novas na sociedade atual. Um processo que, a meu ver, se fortalecerá no futuro.

- 7.5 - A escolaridade: Há poucos anos corria nos meios acadêmicos do Recife uma apostila de EPB em que se dizia que o Mobral já havia alfabetizado 70 milhões de brasileiros, e que em poucos anos só haveria mais no Brasil 5% de analfabetos. Eram os números da mentira. Hoje todos sabemos em que situação calamitosa se encontra o ensino no Brasil. Mas ao mesmo tempo estamos conscientes que sem escolaridade para toda a população, nenhuma medida provisória do Presidente colocará o Brasil no 1º Mundo.

- 7.6 - O turismo: Muitas vezes políticos e empresários do se-

tor turístico afirmam que o Nordeste, e o Recife em particular, tem vocação turística. Estou de acordo que realmente a vocação turística exista. Mas existem certas condições para que esta vocação possa desabrochar. O que se fez até agora foi financiar alguns empresários, até com dinheiros da SUDENE, para melhorarem sua rede hoteleira. Mas não são só hotéis que atraem bons turistas. Isto depende das condições do povo que vai acolher estes turistas, e do tipo de turista que procuramos atrair. E o que se repara. Grande parte da propaganda turística feita no exterior apenas consegue atrair um péssimo turismo. Acontece que muitos promotores de nosso turismo pensam que o turismo se faz à base da safadeza, por isto incluem em suas propagandas a idéia de que no Brasil há liberdade sexual sem limites, com prostitutas à vontade. Por isto muitos turistas que vêm para cá se querem espaldar sexualmente. E na mesma proporção em que crescem os nossos hotéis desenvolve-se também a prostituição. E como, muitas vezes, este turismo é subvencionado, nós podemos dizer que o nosso turismo inclui, de certa forma, uma escravidão subvencionada. Pois o que é a prostituição senão escravidão, em que uma pessoa compra o corpo de outra pessoa?

Um tal turismo, evidentemente, não pode dar certo por muito tempo. O turismo que pretenda ser consistente, deverá ser um turismo baseado em condições éticas. Os países que acolhem maior número de turistas, promovem um turismo cultural ou lúdico, sem apelos à prostituição ou ao homossexualismo.

Na medida em que o nosso sistema turístico falhar ele exigirá dos responsáveis uma crítica mais acurada e comparativa. Por isto, neste campo também há uma perspectiva de melhoras.

7.7 - O trânsito: O Brasil é recordista mundial de acidentes de trânsito. Observando a agitação do nosso trânsito temos a impressão que todo mundo está fugindo das bombas de uma guerra. Faixas de pedestres, sinais, nada é garantia de segurança.

Esta área da sociedade é certamente uma das mais carentes de racionalidade e de sistema ético. A intensidade do trânsito é muito recente no Brasil, e o povo teve acesso aos veículos velozes sem passar por um processo educacional. E as autoridades do trânsito demonstram uma ignorância enorme do que seria um trânsito ético, por isto deixam a população entregue aos assassinos do volante.

8. Conclusões sugestivas em relação ao lugar da ética na sociedade

Muitos outros aspectos de nossa realidade poderiam ser abordados a partir de suas condições éticas, mas se continuássemos nossas referências, em vez de uma conferência, desenvolveríamos um livro.

Penso que por detrás de toda a problemática ética no Brasil está subjacente uma grande ignorância ontológica do ser humano e, conseqüentemente, surgem as falhas na condução sistêmica de nossa sociedade.

O Brasil não possui, por enquanto, estrutura filosófica conseqüente em seus projetos, objetivos e ideais. Ainda não possuímos as características próprias de uma sociedade. Por isto também não existe uma mentalidade ética, nem poderia existir. Os problemas e as conquistas de uma sociedade não são problemas e conquistas isoladas. Há uma organicidade subjacente. Uma sociedade não pode ser governada pela vontade de um só, nem pelas notícias dos jornais. Morre alguém na fila do INAMPS, o Presidente manda seu Ministro intervir; descobre-se cocaína em alguma parte do país, o

Tuma está lá; há contrabando de carne no Porto, o ministro Cabrera vai lá; um cara dá um tiro num prefeito em Alagoas, o Presidente manda prendê-lo, ou não, de acordo com o caso. Isto tudo dá a impressão que o Brasil é governado de caso em caso, sem que haja um eixo central, uma coluna vertebral de princípios. Naturalmente isto faz com que tudo pareça desarticulado.

Se formos capazes de montar projetos, buscar fins em vistas à dignificação do homem brasileiro também saberemos encontrar os meios para executar estes objetivos. E no uso destes meios se encontra o lugar da ética. Se não tivermos fins, nem meios adequados, também não haverá ética.

Os fins e os meios mais adequados para a sociedade apenas poderão ser estabelecidos por uma sociedade consciente, racional e livre. E esta sociedade só conseguiremos através da educação.

Nem a moralização da sociedade se poderá fazer através de campanhas, nem a educação se resolverá através de "DIAS D DA EDUCAÇÃO".

A educação de um povo, e conseqüentemente a sua ética, somente serão fruto de um processo civilizatório. E este processo civilizatório não se refere apenas aos analfabetos. No Brasil todos nós, políticos, empresários, intelectuais, elites e povo, todos, sem exceção, devem se convencer da necessidade de uma mudança história, que poderia resultar na opção por uma sociedade ética e uma nova mentalidade.

Algumas iniciativas já estão sendo tentadas há algumas décadas, em se constituir unidades comunitárias menores. Iniciativas articuladas, inicialmente, pela teologia da libertação. Naturalmente aos opressores da sociedade não interessa tal articulação comunitária, por isto as insistentes investidas contra a teologia da libertação na América Latina.

Mas, ao que parece, a única saída para o crescimento de uma sociedade ética é o incentivo à aproximação comunitária dos homens entre si. Somente assim se estruturará uma verdadeira sociedade, em que todos assumam compromissos com os seus companheiros, sabendo que a dignidade de cada um depende da dignidade do outro. E como a teologia da libertação está sendo deslocada deste processo, seria bom que se intensificasse uma filosofia da libertação. Esta filosofia teria diante de si uma enorme tarefa de mostrar que o núcleo lógico de toda sociedade é a ética.

Tenho a impressão de que existe uma enorme tarefa para a filosofia no sentido de criar uma sociedade ética. E neste sentido talvez poderíamos caminhar mais depressa se a sociedade brasileira se convencesse que lhe falta muita filosofia. No Brasil os filósofos, e a sua avaliação ética, deveria estar presente em todos os segmentos da sociedade, não para moralizar, mas para avaliar os projetos sociais sob o ângulo de sua coesão a partir dos elementos éticos inerentes aos projetos que se pretende desenvolver.

Fica aqui a sugestão para que o Governo, os empresários, os políticos convoquem os filósofos para apreciarem o quanto de humano, e, portanto, de ética existe em suas propostas.

Certamente não poderemos esperar que medidas provisórias resolvam os problemas do Brasil, que são principalmente civilizatórios, e por isto também éticos. Em vez de os nossos políticos e empresários se aconselharem com mães-de-santo deveriam procurar um aconselhamento filosófico-ético-humanístico.

Mesmo que o problema ético no Brasil se intensifique ainda mais não podemos emigrar aos milhões para outros países, pois já não existem países que queiram receber tanta gente. É preciso que nós nos empenhemos em colocar a ética em seu devido lugar, se queremos a nossa dignificação e a dignificação de nossos semelhantes neste nosso país.